

SOCIEDADE, CULTURA E ALIMENTAÇÃO INDÍGENA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM TURMAS DE RECUPERAÇÃO PARALELA



TALITA LACERDA CAMARNEIRO

Graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo - USP (2012); Especialista em Libras pelo Centro Universitário Cidade Verde (2023); Coordenadora Pedagógica na Escola Polo Bilíngue EMEF CEU Candida Dora Pino Pretini.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa-ação surgiu a partir do problema constatado durante os primeiros meses de projeto de recuperação paralela. As sondagens e análises verificaram que os alunos integrantes do projeto de recuperação paralela, têm além das dificuldades de escrita, leitura e operações matemáticas, um déficit de conhecimento em outras áreas do conhecimento, como ciências humanas e ciências naturais. Diante disso, decidiu-se trabalhar com o tema transversal: a pluralidade cultural, com foco nas sociedades indígenas que têm a mandioca como principal alimento. A partir dessa realidade, foi elaborada uma sequência didática com práticas pedagógicas diferentes das usuais. Articuladas para favorecer a aprendizagem ampliando seus conhecimentos e diminuindo déficits. Relacionando diversos conteúdos, como culturas indígenas, alimentação, agricultura, culinária, matemática, língua portuguesa, dentre outras. As práticas aqui descritas foram desenvolvidas numa escola pública, tendo como público-alvo os alunos da recuperação paralela.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Pedagógicas; Recuperação Paralela; Cultura indígena.

INTRODUÇÃO

As práticas descritas neste artigo foram desenvolvidas numa Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada na Zona Leste, no Bairro do Sapopemba. A escola Atende 1048 alunos, do ensino fundamental I e II do 1º ao 9º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos). O Corpo docente da escola é composto por 55 professores, distribuídos nos três períodos de funcionamento, que atendem cerca de 37 turmas da 1º a 9º ano e EJA.

A Secretaria de Educação do Município de São Paulo propõe a realização de turmas de

recuperação paralela, no contraturno, nas escolas municipais de ensino fundamental, visando ampliar as oportunidades de aprendizagem articuladas em formas e metodologias diferenciadas, com estratégias que conduzam ao maior envolvimento da família e da comunidade no processo de aprendizagem dos alunos dos três Ciclos de Aprendizagem do Ensino Fundamental que ainda não atingiram o desenvolvimento cognitivo ou o domínio dos conceitos que garanta os direitos e expectativas de aprendizagem para o respectivo ano, observado os resultados obtidos nas avaliações do acompanhamento das aprendizagens.

A sequência didática aqui abordada foi elaborada para os estudantes de recuperação paralela. Sendo 120 alunos do ciclo de alfabetização, 80 do ciclo interdisciplinar, 40 ciclos autorais. Tendo 1:30 h/aula por dia, duas vezes por semana, cada turma é formada por alunos de anos/série diferentes, contudo, respeitando a proximidade etária. Proporcionando turmas heterogêneas.

Os estudos apresentados neste artigo têm como objetivo fazer com os alunos conheçam e se apropriem da cultura e conhecimentos indígenas e suas influências em nossa sociedade. Buscando desmistificar estereótipos. Explorando a questão da mandioca como alimento base e suas diversas formas de utilização na alimentação indígena. Usando o tema transversal, pluralidade cultural, como eixo articulador interdisciplinar entre o tema e os conteúdos de língua portuguesa e matemática.

O tema escolhido e forma como ele será conduzido pedagogicamente objetiva favorecer o aprendizado de conteúdos específicos da escrita, leitura, matemática, ciências naturais e humanas e que as práticas pedagógicas e os conteúdos a serem abordados desenvolvam hábitos de leitura, e tenham contato com diversos gêneros literários. Além de incentivar a alimentação saudável, através da aprendizagem de elementos culinária e agricultura indígena.

Espera-se, que ao final do projeto, os estudos e as práticas pedagógicas aplicadas possibilitem aos alunos a apropriação de conhecimentos de diversas áreas. Entendam que os conteúdos estudados na escola se relacionam, entre si, com nosso cotidiano e com elementos histórico-culturais. Que os alunos eliminem estereótipos indígenas valorizem nossas raízes culturais, e ampliem seus repertórios, linguísticos, históricos e culturais.

Que este artigo colabore com os estudos da área educacional, por meio da análise das práticas aqui descritas. Assim como, o levantamento de literatura acadêmica especializada para a realização dessas práticas, podendo ajudar aqueles que buscam neste artigo referências e ideias para auxiliar suas ações em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho científico utilizada neste artigo está pautada nas definições descri-

tas por Prodanov e Freitas (2013). Norteando o gênero dessa pesquisa como uma pesquisa-ação, que segundo eles é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. A pesquisa-ação acontece quando há interesse coletivo na resolução de um problema ou suprimento de uma necessidade. Ela não se refere a um simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. É considerada também uma forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares, quando voltada para uma orientação de ação emancipatória e de grupos sociais que pertencem às classes populares e dominadas. Diante de sua diversidade, a pesquisa-ação pode ser aplicada em diferentes áreas, sendo as preferidas das áreas de educação, comunicação social, serviço social, organização, tecnologia.

Neste trabalho, a abordagem do problema e a metodologia de pesquisa e ação ocorreu de maneira qualitativa, descritiva e experimental, sendo definida desta forma:

“Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. A utilização desse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto”. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.70).

Buscando verificar a relação entre variáveis do plano da pesquisa, da prática pedagógica utilizada, das condições de aplicação, da observação e dos efeitos produzidos.

A metodologia empregada neste projeto foi estruturada nas pesquisas e planejamento do tema, com formulações de sequências didáticas, elaboração de práticas pedagógicas diferentes e coerentes com a proposta apresentada, elaboradas a partir de referências na literatura acadêmica especializada, buscando interação com o público envolvido neste trabalho e a melhoria na qualidade de ensino-aprendizagem.

APORTE TEÓRICO

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: TEMAS TRANSVERSAIS

Nossa sociedade passa continuamente por mudanças, por evoluções e por problemas de diversos tipos. Sendo necessário que os cidadãos sejam capazes de agir e posicionar-se de maneira crítica, diante das situações que fazem parte do seu cotidiano.

Como a escola é um dos meios mais importantes para formação desse cidadão, o papel da escola vai muito além de ensinar Matemática, Português, Ciências, História e Geografia. Para

aprimorar está formação cidadã foram inseridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) os Temas Transversais, que buscam “[...] uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política” (BRASIL, 1998, p. 17).

Por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais requerem um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. Os PCNs sugerem que “professores que discutam a pluralidade cultural em sala de aula através de alguns temas sociais, como ética, saúde, orientação sexual, trabalho, consumo e meio ambiente”. (BRASIL, 2000, p.6)

No Brasil temos uma grande diversidade cultural, oriundas de diversos grupos e etnias, sendo um grande desafio implementar políticas públicas para que cada grupo seja respeitado. O tema pluralidade cultural oferece oportunidades aos alunos de conhecerem suas origens, sua história como ser social e como indivíduo participante de grupos culturais. Propicia a compreensão de seu valor e a elevação de sua autoestima enquanto ser humano digno e dotado de capacidades.

Diante disto, elaborou-se uma sequência didática que aborda a pluralidade cultural e que será apresentada neste artigo.

PLURALIDADE CULTURAL

“O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade”. (BRASIL, 1998, p. 117).

Conforme dados apresentados nos PNCs (BRASIL, 1998) vivem no Brasil cerca de 210 etnias indígenas, afrodescentes, grupos numerosos de imigrantes e descendentes de povos de vários continentes, que cultivam diferentes tradições culturais e religiosas. Há uma grande dificuldade para categorizar os grupos que vieram para o Brasil e formaram a nossa sociedade. Além disso, uma mesma pessoa pode ter afinidade e se relacionar com diferentes grupos ao mesmo tempo. A diversidade marca a vida social brasileira.

A diversidade, vista na escola como um dado da realidade humana, encontra uma vasta miscigenação de culturas, costumes e etnias. Sendo impossível pensar em escola sem associá-la à cultura, pois, ambas estão interligadas, dando formas ao ambiente educacional. Dessa forma, e necessária à valorização das diferenças entre as pessoas e à desconstrução dos mecanismos que promovem as desigualdades. Através da escola, é possível adquirir conhecimentos e vivências que ajudam a conscientizar os alunos quanto a injustiças e manifestações de preconceito e discriminação. As diferenças culturais devem ser reconhecidas estabelecendo respeito, ética e a garantia dos direitos sociais.

Contudo, é na escola que encontramos um grande problema, uma predominância da abordagem temática dos conteúdos monocultural e eurocêntrica. O material elaborado pelo projeto “A

cor da Cultura” aborda muito bem essa temática, norteando nosso trabalho neste artigo.

“Durante muito tempo a historiografia ocultou e ignorou a contribuição das sociedades e culturas africanas para a nossa formação social. A raiz desse ocultamento estava na ignorância e no preconceito sobre a vida social e a história desses grupos humanos e, sobretudo, na necessidade de domínio sobre eles, com objetivos de escravizá-los ou colonizá-los. Essa raiz, portanto, se situava na própria história das relações estabelecidas com os povos africanos por parte dos grupos dominantes das sociedades, nas quais nossos primeiros historiadores se espelharam para construir os saberes oficiais sobre o Brasil”. (BRANDÃO, 2006, p.41).

Essa estrutura social discriminatória e preconceituosa deixou os principais grupos étnicos do Brasil, os indígenas e os afrodescendentes, num estado de desigualdade e desvalorização, contudo é nosso papel como agentes educadores superar essa barreira e proporcionar meios para enfrentá-la e mudá-la.

“O primeiro passo para mudar esse quadro é o entendimento de que há, sim, uma discriminação racial. Ela acontece ora de maneira mais explícita, como nas piadas, ora de forma mais velada. O número reduzido de negros ocupando os cargos mais altos das empresas é um bom exemplo. De um modo ou de outro, a ação silenciosa do preconceito tem mantido os índices de desigualdade em patamares inaceitáveis para um país que se pretende democrático. De posse dos números e observando a realidade com alguma isenção, devemos deixar de lado o mito de que as condições são iguais. Vale ressaltar que a desigualdade não se reflete apenas nos indicadores sociais ou nos níveis de renda: essa é a expressão mais evidente do racismo. Ela evidencia uma estrutura cultural e social que acaba por mascarar uma discriminação mais profunda: a desvalorização, desumanização e desqualificação, ou o não-reconhecimento simbólico das tradições, saberes e fazeres do povo afrodescendente. Devemos levar em conta que tal desigualdade não é exclusiva com relação aos afrodescendentes: outros grupos étnicos, raciais ou religiosos padecem com essa estrutura excludente, no Brasil e no mundo”. (BRANDÃO, 2006, p. 13)

SOCIEDADES INDÍGENAS

A expressão “povos indígenas” refere-se a grupos humanos espalhados por todo o mundo, e que são bastante diferentes entre si. A palavra “Indígena” significa: originário de determinado país, região ou localidade; nativo.

Estamos no século XXI e a grande maioria dos brasileiros mal conhecem os povos indígenas que viveram e ainda vivem no país. Segundo o site Povos Indígenas no Brasil, que faz parte do portal do Instituto Socioambiental (ISA): “Estima-se que, na época da chegada dos europeus, viviam mais de 1.000 povos, somando entre 2 e 4 milhões de pessoas. Atualmente encontramos no território brasileiro 255 povos, falantes de mais de 150 línguas diferentes. Os povos indígenas somam, segundo o Censo IBGE 2010, 896.917 pessoas. Destes, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país. A maior parte dessa população distribui-se por milhares de aldeias, situadas no interior de 718 Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional”. (Arruti, 2024)

As comunidades indígenas passam por uma acelerada e complexa transformação social, necessitando buscar novas alternativas para a sua sobrevivência física e cultural. Enfrentando problemas como: invasões e degradações territoriais e ambientais, exploração. Miséria, aliciamento e uso de drogas, exploração de trabalho, êxodo desordenado.

Diante desta situação é necessário que a escola se posicione de maneira efetiva para que os alunos sejam cidadãos conhecedores de suas raízes e histórias, identificando esses grupos, dando seu devido valor e lugar social e não só apenas dos grupos indígenas, mas das diversas etnias que compõem a nação brasileira, em essencial àquelas que foram subjulgadas e excluídas do currículo oficial por muitas décadas, e hoje são garantidas pela a lei No 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Que estabelece no artigo 26: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”.

Dentre os diversos assuntos a serem explorados, selecionou-se como assunto principal as sociedades indígenas que têm a mandioca como alimento principal. Fazendo da mandioca o elemento de ligação interdisciplinar.

A MANDIOCA COMO UM DOS ALIMENTOS PRINCIPAIS NO BRASIL. ALIMENTAÇÃO, CULTURA E AGRICULTURA INDÍGENA

Ao pesquisar referências científicas históricas e literárias, sobre essas sociedades e as suas relações com o cultivo e consumo da mandioca, foi encontrada uma quantidade até que significativa, considerando esse recorte específico. E que serviu de aporte científico e histórico para entender as variedades da raiz e a relação entre esse alimento e as sociedades indígenas. E assim elaborar a sequência didática.

Dentre essas fontes há um artigo de 82 páginas de 1963 na revista Brasileira de Folclore escrita por Mário Ypiranga Monteiro, explora a mandioca e seus vieses alimentares e culturais.

Monteiro apresenta a importância da mandioca na América do Inhamé na África e Europa no século XV:

“O que não se pode negar, com aprofundamento na história da agricultura ou da economia brasileiras, é que a mandioca era uma planta conhecida e utilizada tanto pelos americanos na América como pelos africanos na África antes do entreviro de Colombo, forma mais comum e necessária da farinha, que constituía a subsistência primária. Nos dois continentes e possivelmente em ilhas mais distantes do Pacífico. Ela seria tão necessária que o governo português chegou a pagar funcionários e trabalhadores com alqueires de farinha e peixe seco, ao tempo da colonização e do primeiro império”. (MONTEIRO, 1963, p.37)

O autor também explora as variedades de mandiocas e raízes semelhantes e suas utilidades culinárias, como farinhas, caldos, pães e bebidas. Apresentando 149 receitas que tem a mandioca na sua preparação, de origem indígena ou adaptada pelos imigrantes. Estudo este que mostra a quantidade e variedade culinária dessas sociedades, e que pode ser trabalhado com os alunos, como por exemplo, constatar quais receitas eles conhecem, já comeram ou nunca ouviram falar.

A pesquisa também encontrou um material escrito por Elisabetta Recine e Patrícia Radaelli (2008) elaborado pelo Depto de Nutrição da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (FS/UnB) e a Área Técnica de Alimentação e Nutrição do Departamento de Atenção Básica da Secretaria de Política de Saúde do Ministério da Saúde (DAB/SPS/MS) como apoio ao vídeo Alimentação e Cultura da série “TV Escola”. Que além de abordar historicamente o tema apresenta sequências didáticas para realizar em sala de aula. Sendo uma das fontes inspiradoras para nossa

sequência.

Nele podemos encontrar o contexto histórico e cultural dos grupos que habitavam o Brasil e sua relação com a raiz e seus derivados.

“Em 1549, o padre Manoel da Nóbrega, guia dos primeiros jesuítas que vieram ao Brasil, afirmava que “o mantimento comum da terra é uma raiz de pau que chamam mandioca”. Caminha cita, erroneamente, o inhame como alimento nativo. Tratava-se, na verdade, da nossa mandioca. O inhame foi trazido ao Brasil só mais tarde, pelos africanos [...] os índios preparavam bebidas fermentadas, assim como o europeu produzia o vinho. O preparo ficava a cargo da mulher indígena, que usava os mais diferentes recursos: milho, mandioca, cacau, cupuaçu, caju, açai, buriti etc. Os cronistas dos séculos XVI e XVII descreviam tais bebidas como fortificantes e deliciosas, apesar da repugnância instintiva, já que algumas sofriam mastigação prévia para ativar a fermentação”. (RECINE e RADAELLI, 2008, p. 12)

Abordando também a questão da agricultura desses grupos indígenas:

O índio não praticava a agricultura e sua sustentação se baseava no que a terra tinha para oferecer. Não havia escassez porque, sempre que havia ameaça de fome, a tribo emigrava em busca de terras mais férteis, mais abundantes e de regiões que apresentassem numerosas caças. Essa mobilidade garantia o equilíbrio alimentar para o grupo e pode explicar a força e a resistência físicas dessa população. (RECINE e RADAELLI, 2008, p. 13).

A partir desses textos foi possível entender e aprofundar o tema para elaborar a sequência. Na qual, alguns trechos dessas obras foram selecionados para compor a parte histórica e de língua portuguesa da sequência.

LITERATURA: LENDAS

Como a proposta pedagógica desta sequência tem como base a transversalidade e a interdisciplinaridade, diferentes elementos e conteúdos serão relacionados. Dentre eles, destacamos as lendas, gênero literário importante para estruturar as atividades da sequência. Que além de compor os conteúdos de língua portuguesa possibilita um aprendizado que gere interesse e seja significativo.

Rúbia Lóssio (2002) define a lenda como narrativas que enfeitam e caracterizam o lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medo. Não se sabe ao certo como nasceram e criaram as lendas. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, ilustrada por cenários exóticos e de curta extensão. Muitas vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados. Podendo ser confundida com os mitos

“Mito – Narrativa da ação de um ser inexistente”. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo.

Lenda – É uma narrativa imaginária (escrita ou oral) que possui raízes na realidade objetiva. É sempre localizável, isto é, ligada ao lugar geográfico determinado.

Conto – Narrativa ficcional, em prosa ou em prosa e verso, com começo, clímax e final, com a finalidade explícita de entretenimento. (NETO, 1977, p.146 apud LÓSSIO, 2002, p.57).

Há um encantamento proporcionado pela narração de uma lenda. A cada narrativa o narrador o ouvinte participam, imaginam, modificam, enfeitam, aumentam, encurtam a lenda. A lenda é transmitida de pessoa para pessoa, mesmo que a pessoa não acredite na lenda ela divulga à sua maneira. A maior característica da lenda é a maneira de sua narração, fascinante e inventiva. Por-

tanto, a lenda na sua forma oral, faz um passeio no imaginário popular, levando os fatos históricos em deformação.

Para esta sequência didática selecionamos a Lenda da Mandioca de origem indígena Tupi, que evidencia a importância dessa raiz, não só como alimento, mas como elemento cultural, fazendo parte do imaginário indígena. Utilizamos a versão em prosa publicada na coleção "Lendas brasileiras", da editora Melhoramentos em 1977. Organizada pela Maria Thereza Cunha Giacomo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

As sequências didáticas são planejadas e desenvolvidas para a realização de determinados objetivos didáticos, voltados à aprendizagem de conhecimentos, sendo que a sequência, aqui apresentada, tem um caráter mais transversal e interdisciplinar.

A sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito, [...] com a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Maria Marly Oliveira (2013) apresenta os elementos básicos da sequência didática: Escolha do tema a ser trabalhado; problematização do assunto a ser trabalhado; planejamento dos conteúdos; objetivos a serem atingidos no processo de ensino-aprendizagem; seleção da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados.

REALIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA

A sequência apresentada neste artigo foi elaborada para um público-alvo específico e moldada para se encaixar a estrutura dos grupos de recuperação paralela. Levando em consideração as aulas, tempo e materiais disponíveis. Fazendo parte de um movimento de toda a rede municipal de educação da cidade de São Paulo, o agosto Indígena. Que propõe que as escolas municipais abordem temas indígenas no mês de agosto.

O projeto iniciou com uma apresentação sobre a sequência didática que estava iniciando. A primeira aula houve uma conversa sobre o que os estudantes conheciam a respeito dos indígenas. Os assuntos que alunos mais abordavam eram a questão do uso ou não de roupas e uso do arco e flecha. Após essa conversa a professora mostrou algumas fotos da aldeia indígena Guarani que fica em Parelheiros. Os alunos ficaram curiosos e surpresos ao ver que a maioria das casas indígenas era de alvenaria e que eles usavam roupas, até roupas com marcas.

Foi discutido diferença entre os grupos indígenas de áreas urbanas, das sociedades indígenas das reservas, e daqueles que não tem contato com pessoas de fora da comunidade. Assim como a diferença entre os índios do passado, que estudamos na História do Brasil daqueles que vivem hoje.

Após a conversa, a professora leu a Lenda da Mandioca, duas vezes. Analisamos a lenda, e depois os alunos já alfabéticos tinham que reescrever a lenda. Todos eles escreveram, alguns apresentaram dificuldades de lembrar a sequência dos fatos da lenda, mas quase todos escreveram a ideia principal, que o nome mandioca vem da junção de Mani com Oca, que a Mani morreu, foi enterrada e virou mandioca.

Os alunos que não são alfabéticos tiveram que completar uma cruzadinha que a professora elaborou com algumas palavras do texto: mandioca, raiz, mani, indiazinha. Inicialmente não foram colocadas as palavras na lousa, os alunos tinham que descobrir quais palavras poderiam ser e onde elas caberiam na cruzadinha. Depois de algum tempo, alguns alunos conseguiram, outros não, então foram as palavras foram na lousa para que assim eles achassem o lugar de cada palavra. No final da aula foi feita uma correção coletiva.

Na segunda aula, os alunos tiveram contato com a raiz da mandioca, com casca e tudo. Muitos nunca a tinham visto, por inúmeros motivos, nunca tinham comido mandioca, ou já compravam descascadas, ou não relacionava a raiz crua à mandioca cozida. Depois a professora leu alguns trechos do texto alimentação e cultura de Elisabetta Recine e Patrícia Radaelli que fala sobre a mandioca, suas variedades, história e alimentos que podem ser feitos com ela.

Logo após, os estudantes assistiram a um trecho do vídeo do documentário “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil” que tem a participação de Anísio Teixeira (TV Cultura, 2011). O vídeo sintetiza os principais elementos da cultura indígena de matriz Tupi e da importância da raiz para esses grupos indígenas, mostrando índias ralando a mandioca e fazendo beijus. Conversamos sobre as informações novas que o vídeo apresentou e o que chamou a atenção deles.

Em seguida foi apresentada uma receita de bolo de mandioca, receita que tem traços da culinária indígena, mas que foi bastante modificada para agradar os colonos e os imigrantes, e que hoje se usa fermento para deixar a massa crescer e ficar mais fofo e coco para suavizar o sabor forte da mandioca.

Os próprios estudantes verificaram as quantidades de cada ingrediente, com um copo medidor podendo ver as diferenças de cada medida, e suas equivalências, aprendendo sobre a diferença entre medida de líquidos (L, ml) e medida de sólidos (Kg, g). Tudo de forma mais prática, comparativa e intuitiva, sem a necessidade de cálculos matemáticos difíceis ou fórmulas.

Na terceira aula, foi feita a revisão dos principais assuntos e atividades, e dando continuidade ao vídeo Raízes do Brasil: povos indígenas (Fundação Cultural de Joinville, 2016), um vídeo de 8 minutos, elaborado de maneira didática para crianças em fase escolar. Esse vídeo é muito mais detalhado e atraente, pois é um desenho em 2D, com narração. Contudo foi necessário assistir por partes, pois ele apresenta muitas informações em poucos segundos.

Após o vídeo, os alunos tiveram que responder a essas três perguntas: O que mais chamou sua atenção no vídeo que assistimos? O que é de “mais diferente” entre a cultura indígena e a nossa? Quais as principais formas de dominação que portugueses usaram nos povos indígenas?

Os alunos alfabéticos tinham que responder em forma de texto, em prosa. Aqueles alunos

iam terminando e mostrando para professora, que indicava possíveis erros tanto na localização da resposta tanto na escrita. Os alunos não alfabetizados tinham que responder oralmente, cerca de 90% dos alunos conseguiram fazer, exceto aqueles que são extremamente tímidos. Eles foram falando quais palavras eram importantes e a professora foi escrevendo cada palavra na lousa.

A quarta aula foi à preparação do bolo de mandioca. Desde a primeira aula, os alunos já ficaram sabendo que iriam fazer alguma comida com mandioca, porém eles não sabiam qual. Como cada turma tem muitos alunos, fazer tapiocas, por exemplo, daria muito trabalho e seria perigoso por conta da frigideira. Então o bolo se encaixaria melhor nas nossas condições. Todos poderiam fazer, e a professora levaria ao forno, evitando o risco de acidentes.

A sala foi organizada de forma que todos pudessem ver e participar, foi feita a higiene do espaço e das mãos. Os ingredientes foram separados, cada aluno teve que colocar medir e colocar algum dos ingredientes, uns ajudavam os outros, alguns untaram a forma, e aqueles que queriam misturar o bolo se revezavam na tarefa. Ao final a professora levava o bolo para o forno por cerca de 50 minutos, os alunos contavam o tempo no relógio. Enquanto o bolo assava, eles escreviam a receita para levar para casa. Quando ficava pronto a professora trazia desenformava e eles se serviam.

Para a surpresa da professora tudo deu certo nas 6 turmas. Não houve nenhum erro ou discussão sobre o que cada um fazia. Além de todos os bolos ficarem no ponto certo. Foi uma experiência incrível, um pouco cansativa, mas muito significativa. A sensação foi que os alunos saíram muito contentes e quando sobra bolo eles mesmos dividiram para levar para casa.

Na aula seguinte, exploramos o texto: “Processando a mandioca brava”, que descrevia as etapas e procedimentos a serem realizados para a utilização da mandioca brava, que é tóxica se consumida in natura.

Com as turmas de alunos já alfabetizados a professora distribuiu o texto impresso sem pontuação e parágrafo leu em voz alta algumas vezes sem pontuação e outras vezes com a pontuação. Deixando evidente as diferenças de oralidade entre a leitura sem pontuação e a com pontuação. A professora explicou as regras para aplicação dos sinais de pontuação e do parágrafo.

Depois os alunos tinham que reescrever o texto colocando a pontuação e os parágrafos. Fez a pontuação do primeiro parágrafo com o grupo e eles dariam continuidade sozinhos. No início da atividade os alunos recorriam muito à professora para tirar dúvidas, mas após criarem mais confiança as dúvidas diminuíram. Quando o aluno terminava a professora fazia a correção e explicação com o aluno, pontuando seus acertos e seus erros, explicando qual o sentido da frase no texto e perguntando ao aluno qual pontuação se encaixaria melhor. Quando todos terminam a professora e alunos fazem a correção coletiva na lousa, explicando os porquês de cada sinal e parágrafo.

Com as turmas de alunos em processo de alfabetização a professora lê o texto, os alunos apontam quais palavras eles não conhecem, e a professora explica. A professora faz uma lista na lousa das palavras mais importantes que apareceram no texto, mas com algumas letras faltando. Primeiro os alunos tentam completar sozinhos, depois a professora lê as palavras para ajudar aqueles que não conseguiram e no final os alunos mostram sua atividade à professora que indica

onde houve erros e alunos tentam arrumar. Depois que todos os alunos fazem essas etapas a professora e os alunos fazem uma correção coletiva.

Na penúltima aula dessa sequência didática, elaboramos um painel com fotos, textos, frases e desenhos, para fazer parte da mostra cultural que está montada na sala de leitura. Após terminar o painel o expomos e visitamos a mostra.

Para finalizar a sequência didática, na última aula foi feita uma análise do projeto, conversamos sobre nosso percurso, avaliamos o que foi positivo e que o que foi negativo. Após a discussão os alunos fizeram um texto de opinião analisando a sequência didática. A professora explicou os requisitos textuais que deveriam estar presentes no texto como: título, parágrafo, pontuação, coerência, conclusão do texto e ortografia correta. Conforme cada aluno ia terminando a professora fazia uma correção individual com o aluno. Para que ele possa identificar o erro e arrumá-lo.

Com as turmas não alfabetizadas a professora e a turma também conversaram e analisaram o projeto. Os alunos expressaram oralmente o que gostam ou não, o que aprenderam e o que faltou. A professora pede que os alunos façam uma lista de palavras que aprenderam durante o projeto, no final os alunos compartilham suas palavras e a professora as escreve na lousa, fazendo as a correção coletiva de erros de ortografia que ocorreram.

RESULTADOS OBTIDOS

A avaliação do projeto “Sociedade, Cultura e Alimentação Indígena” feita pelo grupo de alunos e pela professora concluiu que foi um projeto bem-sucedido, os alunos destacaram os pontos mais legais como fazer o bolo e visitar a mostra cultural, assim como expressaram os conhecimentos que eles agregaram. Além de também darem sugestões como uma possível visita a alguma aldeia indígena próxima, ou convidar algum indígena para visitar a escola.

A Professora fez uma avaliação do projeto e constatou os seguintes resultados: Com relação às práticas pedagógicas a sequência didática demanda um bom tempo de planejamento e preparação, assim como o estudo prévio do conteúdo e das práticas diferenciadas, para que a projeto de sequência não fique na mesmice das rotinas escolares.

A relação de ensino aprendizagem não depende exclusivamente do professor, os alunos são fundamentais, e preciso que eles sejam o centro, que haja um bom planejamento, e que esse planejamento contemple o erro, pois também aprendemos com ele, que os alunos estejam cientes que fazemos o trajeto do projeto juntos e caminhos alternativos ou imprevistos podem surgir.

“Uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. [...] Então, nesse sentido a pedagogia da liberdade, ou da criação, deve ser tremendamente arriscada. Deve ousar-se ao risco, deve provocar-se o risco, como única forma de avançar no conhecimento, de aprender e ensinar verdadeiramente. Julgo importante essa pedagogia do risco, que está ligada à pedagogia do erro”. (FREIRE, 1985, p.52).

Outro resultado obtido foi o avanço da escrita e da leitura, que pôde ser observado nas sondagens. A sondagem feita depois da sequência demonstra que muitos alunos avançaram em alguns elementos da escrita, nas turmas não alfabetizadas ficou claro a avanço na escrita de palavras.

Já nas turmas de alunos alfabetizados fica um pouco mais difícil constatar quais foram os avanços, pois cada aluno tinha dificuldades específicas e diferentes uns dos outros, aqueles que não separavam seus textos em parágrafos começaram a fazer, outros começaram a pontuar, coisas que não faziam. Além do aumento de repertório para elaboração de textos e o aprendizado dos conteúdos histórico-culturais indígenas, junto com comparações entre a sociedade indígena e a nossa sociedade atual, evidenciando elementos herdados dos antepassados indígenas e que ainda permanecem na nossa cultura urbana, como alimentação, palavras indígenas, hábitos de higiene, dentre outros. Tudo isso pôde ser notado nas falas dos alunos durante as discussões e nos seus textos.

Com relação ao aprendizado matemático, ficou claro durante a execução do bolo, uma boa correspondência entre elementos de numéricos de medidas e a medição, muitos não imaginavam que meia xícara era uma fração, $\frac{1}{2}$, algo que foi dividido em duas partes iguais. Mesmo nas turmas de alunos que não estavam alfabetizados foi possível abordar medidas. E ficava evidente a satisfação deles em compreender o que aqueles números da receita significavam, na hora de preparar o bolo.

Um dos resultados que não foi esperado, mas que foi muito benéfico, foi o aumento da frequência dos alunos e o retorno de alguns alunos que não estavam mais frequentando. Visivelmente foi possível constatar o aumento da quantidade de alunos nas aulas e ao analisar a lista de frequência, verificou-se que o aumento foi entorno de 30% e que se manteve mesmo após o término da sequência.

Uma das hipóteses para tal resultado seria a “propaganda” feita por colegas que frequentam as aulas, dizendo aos que não estavam frequentando as aulas de recuperação, que teríamos atividades diferentes, faríamos um bolo. Outra hipótese é a de que o aluno vinha para aula e via que a atividade teria continuidade na próxima aula, então ele não faltava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de pesquisa, planejamento e execução de práticas pedagógicas e conteúdos escolares interligados pela temática da pluralidade cultural aqui apresentadas buscou sistematizar e analisar uma linha de estudo e prática pedagógica, que também possa servir de inspiração para outras sequências didáticas, mas principalmente para divulgar e ajudar docentes a trabalhar a pluralidade cultural e valorizar a cultura e alimentação indígena, trazendo a mandioca como elemento chave, que interliga o passado com presente e indígena com urbano.

O planejamento, os estudos, a execução e a avaliação dessa sequência didática proporcionaram novas experiências, tanto na docência quanto na pesquisa. Buscar novas práticas escolares

tira o professor da zona de conforto, da rotina de práticas já instauradas e tradicionais, possibilita refletir novas ações, de relacionar teorias e práticas, buscando atender o déficit histórico-cultural sem deixar de lado os conteúdos curriculares, possibilitando que os alunos se sintam sujeitos, com direitos e deveres, para que vida escolar dos alunos seja prazerosa e de qualidade.

Durante a realização do projeto ficou clara a necessidade de efetivar os temas transversais, pois acabam fazendo a ligação interdisciplinar e trazendo temáticas importantíssimas, que muitas vezes não são abordadas em sala de aula e que. Ajudando a facilitar o aprendizado de conteúdos curriculares que muitas vezes não fazem sentido para o aluno, que acaba não compreendendo, como por exemplo, cálculos matemáticos, interpretação textual, história e cultura. Trabalhar estes itens sem trazer significados para a vida do aluno ou proporcionar o raciocínio e reflexão faz com que o aluno não se aproprie, não incorpore, apenas reproduza e depois esqueça.

A participação dos alunos foi o ponto principal do projeto, os alunos se apropriaram da temática, do desenvolvimento e da realização das atividades, sempre de maneira ativa, perguntando, fazendo, dando sugestões, incentivando e ajudando os colegas. Fazendo com que aumentasse a frequência às aulas, participação e conclusão das atividades, aumentando seus repertórios, se alfabetizando e desenvolvendo seu aprendizado.

Ao analisar todo o desenvolvimento projeto, concluiu-se que foram alcançados os principais objetivos da proposta, que o estudo e pesquisa prévia sobre o tema a ser trabalhado mostrou a importância da temática escolhida, a mandioca, tanto no aspecto histórico-cultural, como elemento de ligação entre conteúdos (lendas, receitas, textos). Dando suporte para o sucesso da realização da sequência.

REFERÊNCIAS

Arruti, Jose Maurício. **Povos indígenas. Quem são?** Disponível em: https://pib.socioambiental.org/https://pib.socioambiental.org/pt/Quem_s%C3%A3o Acesso 05 out. 2023

BRAN-DÃO, Ana Paula. **A Cor da Cultura - Saberes e fazeres: modos de ver.** Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2006.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural**. Brasília: MEC, 1997

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE. **Os Indígenas - Raízes do Brasil**. YouTube, 28 jan. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s> Acesso 19 nov. 2023

GIACOMO, Maria Thereza Cunha de. **A Lenda da Mandioca. Lenda dos índios Tupi**.

Coleção "Lendas brasileiras", n.7. 2º ed. Edições Melhoramentos: São Paulo, 1977.

LÓSSIO, Rúbia. **Lendas: Processo de folkcomunicação**. Fundação Joaquim Nabuco. 2002

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Alimentos preparados à base da mandioca**. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, p. 37-82, jan./abr. 1963.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2º ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RECINE, Elisabetta. RADAELLI, Patrícia. **Alimentação e cultura**. Brasília. Ministério da Saúde, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Documentário da série Estudos Brasileiros, TV Cultura, 1995.

TV CULTURA. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Povo brasileiro (parte um). YouTube, 14 set. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-du4gtlutn8&list=PLHpN-04RHIU6zw7E62FVlIdn9y68h8_UWc Acesso 18 nov. 2023.